

COMEÇA O FOTÓPTICA VÍDEO FESTIVAL, COM STATUS INTERNACIONAL.

Além da Mostra Competitiva, atrações extras na Mostra Informativa, no Video Brasil e nos workshops de videomakers do Exterior.

A oitava edição do Fotóptica Vídeo Festival começa hoje no Museu da Imagem e do Som (MIS) com status internacional e uma seleção de vídeos representativa da produção de vários países. Além da Mostra Competitiva (veja quadro), com exibições diárias às 21h30 até a entrega de prêmios, na quinta-feira que vem, o Fotóptica Vídeo Festival tem outras atrações.

Na Mostra Informativa estão representados dez países. Hoje, a partir das 19h30, serão exibidos vídeos da Inglaterra e França. Amanhã, começando às 18h, vídeos de Israel, França, EUA, Polônia, Espanha, Cuba, Alemanha e Bélgica. Os videomakers brasileiros serão representados na Mostra Vídeo Brasil, com agenda a partir de domingo, às 20h.

Paralelamente, serão realizados quatro workshops, voltados exclusivamente a profissionais da área. Sábado, às 9h, o japonês Yoshiro Kawaguchi dá uma aula de computação gráfica de alta definição na produtora Frame. Os demais workshops acontecerão todos no MIS, a partir das 14h. Segunda-feira, o francês Dominik Barbier falará sobre seu processo criativo em matéria de vídeo-instalação. Terça-feira, o inglês Tim Morrison explica o que é o scratch video, desenvolvido pelo Gorilla's Tape, de Londres. E na quarta-feira, fechando o ciclo, Marcelo Tas, único brasileiro escolhido para dar workshop, desenvolve um trabalho sobre documentário e performance.

Foram programadas, ainda, três grandes conferências, sem-

A australiana Cathy Vogan, na foto com Gianni Toti, (da Itália) concorre com Electronic Kama Sutra.



pre a partir das 10 da manhã. Segunda-feira, sobre Tecnologia e Video-Arte; terça-feira, sobre Televisão e Produção Independente; e na quarta, a respeito de Criação e Mercado Alternativo. Participam representantes brasileiros, da Europa, EUA, outros países da América do Sul e Ásia.

Já a partir de hoje o público também poderá visitar as quatro vídeo-instalações montadas pelo festival: a do francês Dominik Barbier, intitulada **The no way buster**, a do alemão Marcel Odenbach e as dos brasileiros Sandra Kogut (Rio) e Tadeu Jungle (SP). O MIS fica na avenida Europa, 158.

A programação da mostra competitiva

Seis vídeos abrem hoje a Mostra Competitiva, que prossegue até quarta-feira que vem, sempre às 21h30 no MIS.

O Pacote da Cruzélia (Brasil/Ficção) — Claudio Barroso/Nilton Pereira — 19'45".
Um Vídeo da Lata (Brasil/Musical, sobre música do Moleque de Rua) — Daniel Brazil — 7'30".
Videocabines São Caixas Pretas (Brasil/Video-arte) — Sandra Kogut — 9'38".
IV Eden (Argentina/Ficção) — Esteban Sapir — 8'.
Neo Geo: An American Purchase (Austrália/Video-arte) — Peter Callas — 9'17".
As Crianças de Lhanguene (Moçambique/Documentário) — Rodrigo Gonçalves — 25'.

Tahiti (Uruguai/Ficção) — Pablo Dotta — 38'.
Deus Nasceu Foi no Brasil (Brasil/Musical) — Inácio Zatz/Arnaldo Galvão — 5'30".
Mama Era Punk (Uruguai/Ficção) — Guillermo Casanova — 34'.
Cinco ou Seis Partes de Um Todo Que Juntas Não Formam Nada (Brasil/Video-arte) — Antonio José Queiroga Ferreira — 16'.
Um Olhar Sobre Barcelona (Brasil/Documentário) — Helvécio Raton — 26'.

Pinacoteca de Medellin (Brasil/Video-arte) — Geraldo Anhaia Mello — 4'44".
3 Antena: Desobstruindo O Canal Tudo (Brasil) — 3 Antena — 9'.
Último Vuelo (Argentina/Ficção) — Diego M. Lascano — 4'40".
Poesia é Uma ou Duas Linhas e Por Trás Uma Imensa Paisagem (Brasil/Video-arte) — João Moreira Salles — 9'.
Son Of Romeo (Austrália/Ficção) — Richard Jasek/Chris Willems — 53'.

La Memoire Du Ciel (Chile/Video-arte) — Francisco Fábrega — 10'.
What Do You Think People Think Brazil Is? (Brasil/Video-arte) — Sandra Kogut — 5'30".
Burguesia (Brasil/Musical, sobre música de Cazuzal) — Ana Arantes — 5'23".
A Colheita do Diabo (Moçambique/Ficção) — Licínio Azevedo/Brightte Bagnol — 52'.

Brasiconoscópio (Brasil/Documentário) — Mauro Giuntini — 16'.
Elektronik Kama Sutra (Austrália/Video-arte) — Cathy Vogan — 3'30".
O Inglês Que o Brasil Vê (Brasil/Documentário) — Sergio Sbragia — 7'.
La Tirolesa (Argentina/Documentário) — Marcelo Iaccarino/Gonzalo Pampim — 6'.
Deus Come-se (Brasil/Video-arte) — Luiz Duva — 9'53".

Não Vou à África Porque Tenho Plantão (Brasil/Video-arte) — Éder Santos — 8'.
El Saco (Argentina/Video-arte) — Mario Gomes Moreno — 10'.
A Sangue Frio (Brasil/Documentário) — Eduardo Homem — 15'30".
El Jardin Del Amor (Chile/Video-arte) — Germam Bobe — 4'.
Night's High Noon; An Anti-Terrain (Austrália/Video-arte) — Peter Callas 7'26".
Eu Vi (Brasil/Musical) — Marcia de Carvalho/Anna Muiylaert 4'.
El Circulo Xenetico — (Argentina/Ficção) — Boy Olmi/Luiz Maria Hermida — 23'.

Videomaker, um batalhador de má fama.

Videomaker no Brasil é aquela pessoa que tem fama de vagabundo (como disse o grupo Casseta e Planeta em uma de suas músicas) e faz de tudo para chamar a atenção — desde montar uma instalação no Metrô até juntar repolhos para fazer uma "homenagem póstuma". Mas no Brasil existe uma safra de novos videomakers que não são exatamente como imagina o senso comum. Batalham em busca de novos espaços, novas platéias, pesquisam linguagens e, principalmente, correm atrás de festivais, tentando "vender" seu trabalho. Como o Festival Fotóptica, que começa hoje, no Museu da Imagem e do Som..

Com pouco mais de 10 anos de existência, somente agora é que o mercado de vídeo começa a crescer. Mas ainda há poucos espaços de exibição, como o MIS e a The Academia Brasileira de Vídeo, em São Paulo, e a sala Magnetoscópio, no Rio (única com equipamento profissional e que paga direitos autorais). Marcelo Dantas, da sala Magnetoscópio, diz que a cada momento sente que o vídeo atinge um público maior, o que chama de uma interação natural. "Na minha sala tenho desde crianças até senhoras que participam da nossa programação". Programação que tem como alguns trunfos os direitos de exibição no Brasil (em circuito fechado) de trabalhos de Nam June Paik, o papa da vídeo-arte.

Ele garante que o Festival Fotóptica de Vídeo é importante para o momento atual. "É impressionante a força que isso tem, existe sempre uma nova geração entrando em cena. O papel do festival é apresentar mui-



Sandra Kogut mostra suas Videocabines, instalação que fez sucesso no metrô do Rio.

tos conhecimentos, exibir coisas novas, expor nossos trabalhos num âmbito mais largo, é um trabalho árduo, de longo prazo", diz.

Público diverso

No festival do ano passado o MIS recebeu aproximadamente 10 mil pessoas, um público significativo (levando-se em conta que a sala Magnetoscópio, por exemplo, não comporta mais que 100 pessoas por sessão). Sandra Kogut, que participou com uma instalação na edição anterior, agora colocará suas videocabines no MIS, certa de que existe vídeo para qualquer tipo de público. Sua instalação atual, por exemplo, montada recentemente em uma das estações do metrô carioca, alcançou platéias bem distintas. Sandra se diz interessada na pesquisa de novas linguagens, mas não qualifica os seus vídeos como experimentais. "É sempre complicado dar qualificação, um vídeo musical pode ser experimental", explica.

Experimental poder ser defi-

nido como aquele trabalho que os produtores fazem sem se preocupar muito com o que os outros acham. O mineiro Éder Santos, que está concorrendo no Festival, com o vídeo **Não vou à África porque tenho plantão**, é um dos que fazem um respeitado trabalho de vídeo-arte no Brasil, com sua produtora Emvideo. Mas ele conta que certa vez mostrou uns de seus trabalhos para o diretor de TV Roberto Talma, da Globo, e foi descartado no ato, pois o diretor achou seu trabalho muito radical.

Apesar disso, Éder conseguiu vender vários de seus trabalhos (mostrados em festivais anteriores) para países como EUA, França e Inglaterra, e ainda apresentou vários vídeos no programa **Vanguarda**, da TV Bandeirantes, que era dirigido pelo também produtor Renato Barbieri. Para Barbieri, "um imenso circuito de festivais são portas para a televisão, mas para se ter um retorno econômico teria de haver muitas salas de vídeo", diz

Quando ao público, ele acha crescente, mas difícil de se traçar um perfil. "É um público muito variável, são músicos, artistas plásticos, psicólogos, estudantes de comunicação, de nível universitário, de um modo geral. Como é uma linguagem nova, alguns ainda estão se "ligando", procurando, buscando descobertas".

Para Marcelo Machado, do Olhar Eletrônico, existe um público específico que assiste a vídeos no Brasil. "Gente com vínculos com a vanguarda, as artes, que já tem uma expectativa mais ampla, um amadurecimento, se não ficariam na televisão." Marcelo diz que o vídeo está mais voltado para uma filosofia de experimentação. No Olhar Eletrônico, ele trabalha com várias formas de vídeo, tanto de linguagem experimental, como documentários e de mercados empresarial e industrial, além de dirigir comerciais. "Quando faço um vídeo experimental, especulo possibilidades um pouco fora do natural, é a maneira como vejo o mundo." **Solange Viana**